UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO

LEONARDO RODRIGUES DOS SANTOS

Protagonismo nos quadrinhos do Brasil: quadrinhistas negros redesenhando a história

São Paulo

2020

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO

Protagonismo nos quadrinhos do Brasil: quadrinhistas negros redesenhando a história

Leonardo Rodrigues dos Santos

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura

Orientador: Prof. Emerson do Nascimento

São Paulo

2020

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Mestre Emerson do Nascimento.

Aos meus pais, Maria das Graças Rodrigues e Manoel José dos Santos.

À prima-irmã, Gabriela dos Santos.

Às amigas Sabrina Lara Catharino, Priscila Bellini e Aline Fernandes Carrijo.

À amiga, mestra e inspiração, Aurora Seles.

Aos mestres e amigos Keiko Kawati e Octávio Cariello.

A todos os amigos que, direta ou indiretamente, contribuíram durante o processo de construção e desenvolvimento deste trabalho.

E a todos os quadrinhistas negros, que vêm erguendo suas vozes e suas canetas, (re)desenhando a realidade.

Protagonismo nos quadrinhos do Brasil: quadrinhistas negros redesenhando a história [1]

Leonardo Rodrigues dos Santos [2]

Resumo: O presente artigo busca investigar diálogos entre produções em quadrinhos, de artistas negros no Brasil, com elementos da arte afro-brasileira. A ausência do negro nas artes no Brasil reflete acúmulos de desigualdade histórica, entretanto há quadrinhistas negros que vêm abordando em suas obras temas em torno da memória e resistência, dois pontos centrais da arte afro-brasileira. O protagonismo desempenhado pelos quadrinhistas negros tem ganhado notoriedade no país, sobretudo no período de 2011-2020. Esse trabalho se constitui a partir de pesquisas bibliográfica e documental junto a análises de entrevistas e de quadrinhos, sendo referenciados estudos sobre história das histórias em quadrinhos no Brasil, publicações independentes, o negro nas artes do Brasil e arte afro-brasileira.

Palavras-chave: Quadrinhistas negros. História em quadrinhos. Arte afro-brasileira. Artistas negros. Arte brasileira.

Abstract: The following essay aims to explore dialogues between Brazilian production of comic books by Black artists and the elements of the Afro-Brazilian art. Overall, the absence of the Black subject in Brazilian art also reflects years of historical inequality. However, many Black comic book artists have approached themes such as memory and resistance in their stories — two central axes of Afro-Brazilian art. The protagonism performed by black comic artists has been gaining notoriety across the country, especially during the time period between 2011-2020. The present essay analyzes bibliographical and documental researches, as well as interviews and comic books It builds on studies on Brazil's comic book history, independent comics, Black people in Brazilian arts and Afro-Brazilian art.

Key words: Black Comic Artists. Comics. Afro-Brazilian Art. Black Artists. Brazilian Art.

Resumen: El presente artículo busca investigar los diálogos posibles entre los cómics de los artistas negros en Brasil y los elementos del arte afrobrasileño. La ausencia de los negros en las artes en Brasil también refleja acumulaciones de desigualdad histórica, sin embargo, muchos artistas negros han abordado estos temas en sus cómics sobre la memoria y la resistencia — puntos centrales del arte afrobrasileño. El papel desempeñado por los artistas negros de cómics ha ido ganando notoriedad en el país, especialmente en el período 2011-2020. El trabajo consta de una investigación bibliográfica y documental, junto con un análisis de entrevistas y cómics, con referencia a los estudios sobre la historia de los cómics en Brasil, las producciones independientes, los negros en las artes en Brasil y el arte afrobrasileño.

Palabras clave: Artistas negros de cómic. Cómic. Arte afro brasileña. Artistas negros. Arte brasileña.

---

[1] Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura

[2] Pós-graduado em Mídia, Informação e Cultura pelo CELACC- ECA, USP

1. Produção de quadrinhos no Brasil

A partir da definição apresentada por Moacy Cirne – professor e artista visual -, os quadrinhos seriam "uma narrativa gráfico-visual, impulsionada por sucessivos cortes, cortes estes que agenciam imagens rabiscadas, desenhadas e/ou pintadas." (CIRNE, 2001, p. 23). Por representarem uma opção de entretenimento mais acessível, em termos financeiros, do que a televisão (VERGUEIRO, 2017), ao longo do século XX foram muitas as editoras que atuaram com a publicação de quadrinhos de diferentes gêneros no Brasil, destacando-se: *Ebal*, *Globo*, *Abril*, *Vecchi* e *O Cruzeiro*. Focadas no público infanto-juvenil e com tendências do mercado estrangeiro, a maior parte de seus catálogos eram compostos por quadrinhos estrangeiros, como os super heróis estadunidenses da *Marvel* e *DC Comics*, e os quadrinhos europeus *Tintin* e *Asterix*.

A força do quadrinho estrangeiro, em vendas, era tamanha e muitas editoras, ao encerrarem a publicação oficial de um título de sucesso no país, contratavam artistas brasileiros para que continuassem a desenhar essas histórias, sem o consentimento dos autores originais (VERGUEIRO, 2017). Apesar das questões de direitos desrespeitadas, tal prática permitiu que houvesse mais artistas brasileiros inseridos no mercado, desenhando quadrinhos.

Mas a produção de quadrinhos no país não se limita ao que é publicado por editoras. Um panorama real das histórias em quadrinhos, no Brasil, só é possível ao considerar também o volume de produções independentes, para além das editoras (VERGUEIRO, 2017). O chamado circuito *underground* "ocorre em paralelo ao da grande mídia, que reúne artistas independentes de diferentes frentes" (SNO, 2014, p. 41). Muitos artistas que publicaram trabalhos posteriores, por meio de editoras, começaram a lançar histórias no circuito *underground*, com publicações independentes.

1.1 Produção Independente: do papel ao digital

No campo da produção gráfica independente, os fanzines foram protagonistas. A definição exata do termo permanece bastante aberta no Brasil, sendo usado como sinônimo de produções independentes de qualquer tipo (VERGUEIRO, 2017). No Brasil, é comum que se utilize somente o termo "zine" ao se referir às publicações de cunho mais jornalístico e autoral, sem o adicional "fã" de algo.

> Zine é um veículo de divulgação alternativo e independente, geralmente reproduzido em pequenas tiragens e distribuído para um público segmentado.

> Surge da necessidade de expressão de grupos específicos e tornam-se campos férteis para experimentações gráficas e textuais graças à sua total e irrestrita liberdade (SNO, 2015, p. 19)

Feitos de modo artesanal e circulando principalmente pela divulgação “mão a mão” (VERGUEIRO, 2017), os fanzines foram importantes aliados dos quadrinhistas independentes, uma vez que permitiram com que muitos deles pudessem publicar e divulgar suas histórias, sem a necessidade de um volume fechado.

> Para os quadrinhos brasileiros, o fanzine representa a resistência frente ao descaso das grandes editoras, que favorecem os quadrinhos estrangeiros. A importância do fanzine se configura não só pela difusão e renovação dos quadrinhos, mas também por contribuir para a formação do público e criação de um espaço essencial de discussão e avaliação dos quadrinhos como expressão artística (MAGALHÃES, 2016, p. 81)

Tal qual o impacto causado pela fotocopiadora e o barateamento de cópias na produção de quadrinhos na década de 1970, a popularização e o maior acesso ao computador pessoal e o desenvolvimento da internet foram revoluções no meio dos quadrinhos, nos anos 1990. O computador permitiu que muitos artistas pudessem otimizar processos como diagramação e montagem dos livros.

> A tecnologia sempre teve o efeito de expandir as possibilidades do artista, além de desafiar sua individualidade. Com a chegada dos computadores capazes de dar conta da produção de obras de arte, em vez de trabalhar com sua simples reprodução, criou-se um novo impacto sobre a individualidade. (EISNER, 2015, p. 172)

Muitos artistas migraram para o digital, criando sites e blogs para a publicação e divulgação de seus trabalhos. Com o surgimento de novas ferramentas para autopublicação, os quadrinhistas independentes - aqueles que não têm vínculo fixo com uma editora - possuem mais opções para divulgar e distribuir o seu trabalho. É o caso das plataformas de *crowdfunding*, ou financiamento coletivo, nas quais é possível contribuir financeiramente para que um projeto seja viabilizado, em troca de recompensas, como o próprio resultado do projeto - no caso de quadrinhos, o acesso à obra completa por meio de revista impressa ou arquivo digital - e/ou artigos relacionados.

1.2 O cenário de quadrinhos independentes no Brasil (2011-2020)

Os quadrinhos independentes brasileiros sempre apresentaram direcionamento para um público mais adulto, por se basearem na estética dos *comics undergrounds* estadunidenses

(VERGUEIRO, 2017). Tal foco no público adulto representa um contraponto ao material publicado pelas editoras brasileiras, centrado no leitor infanto-juvenil. Para Nobu Chinen (2019), os quadrinhos independentes ganharam novo fôlego no Brasil a partir de 2011, pela popularização de plataformas de financiamento coletivo como o *Catarse*, bem como os programas de apoio a projetos culturais oferecidos pelo governo, a exemplo do ProAC[3].

Ao analisar o momento dos quadrinhos independentes brasileiros, no período entre 2011 e 2020, observa-se que muitos quadrinhistas independentes publicam, a priori, em suas redes sociais, como Instagram e Facebook, para posteriormente lançarem um quadrinho impresso, se for de seu interesse. Em muitos dos casos, tais artistas recorrem às plataformas de financiamento coletivo, como o Catarse, para a viabilização do projeto, a exemplo dos quadrinhistas Jonathan Marques e Paulo Moreira.

Os eventos de quadrinhos também figuram como um ponto central para a manutenção e crescimento do cenário independente de quadrinhos no país (DE ALMEIDA, 2019). Para a grande maioria dos quadrinhistas independentes de revistas impressas, os eventos de quadrinhos e feiras gráficas representam o principal espaço para vender seus trabalhos e conhecer novos artistas. A possibilidade de interação direta, entre artista e leitor, estabelece um tipo de relação muito diferente na produção individual, comparado ao material *mainstream*, produzido por grandes editoras. Eventos como o *FIQ – Festival Internacional de Quadrinhos*, em Belo Horizonte (MG), a *Bienal de Quadrinhos* em Curitiba (PR), a *Comic Com Experience* e a *Poc Con*, ambas em São Paulo (SP), a *ComicCon Floripa* em Florianópolis (SC) e mesmo feiras voltadas às produções independentes, que vão além dos quadrinhos, como a *Feira Miolo* em São Paulo (SP) e a *Dente Feira de Publicações* no Distrito Federal (BSB), são alguns dos vários eventos que recebem cada vez mais quadrinhistas[4] com novos trabalhos.

Apesar da diversidade de estilos e trabalhos presentes nestes eventos, é notória a desproporção entre artistas negros e não-negros. Em 2018, ocorreu um ato de protesto[5] durante a Feira Plana, tradicional evento de publicações independentes de São Paulo, onde fora

---

[3] Programa de Ação Cultural do Estado de São Paulo.

[4] MENDAUAR, Cassius. Quer conhecer o mercado de HQs? Vá em eventos!! **PublishNews**. 25 mai. 2018. Disponível em <www.publishnews.com.br/materias/2018/05/25/quer-conhecer-o-mercado-de-hqs-va-em-eventos>. Acesso em: 13 ago. 2020.

[5] DIAS, Thiago. A Invisibilidade do Negro nas Artes Brasileiras. **Fala Universidades.** 05 abr. 2018. Disponível em <www.falauniversidades.com.br/invisibilidade-negro-arte-brasileira> . Acesso em: 15 ago. 2020.

questionada a falta de artistas negros, com exposição, no evento. Essa discrepância não se limita aos eventos somente.

A *PerifaCon*, ou "*A Comic Con da favela*[6]", foi um acontecimento fora da curva dos eventos convencionais. Realizado em 2019, na Fábrica de Cultura do Capão Redondo, extremo sul da cidade de São Paulo, o evento levou quadrinhistas e programações diversas para uma zona afastada da região central da cidade, onde normalmente ocorrem os eventos de quadrinhos. Mateus Martins, um dos idealizadores da *PerifaCon*, disse em entrevista[7] que um dos objetivos da organização do evento era de que houvesse artistas negros e mulheres entre expositores, e que obras racistas, machistas e homofóbicas não fossem permitidas.

A *PerifaCon* recebeu mais de 4 mil pessoas no único dia de evento, além das dezenas de pessoas que não conseguiram entrar pela lotação do espaço, e superou as expectativas de público. Sua segunda edição seria realizada no primeiro semestre de 2020, na Cidade Tiradentes, extremo leste da cidade de São Paulo — mas, devido à pandemia do novo coronavírus, foi adiada.

2. O Negro nas Artes no Brasil

A presença do negro nas artes do Brasil é tão complexa, quanto o espectro social de sua história no país. Como tema, o sujeito negro foi comumente retratado de forma estereotipada por artistas brancos em pinturas, como um ser dependente e objetificado em situações de posse e violência. Ser negro passa a ser resumido unicamente em dor e sofrimento, e tal foi perpetuada no imaginário popular com o auxílio da historiografia, como na reprodução em massa de tais imagens em livros didáticos (ALVES; RODRIGUES, 2013). A complexidade presente nessas dinâmicas de representação dos negros, pelo olhar colonizador, estende-se também ao espaço e reconhecimento que esses sujeitos ocupam, enquanto artistas no Brasil ao longo da história.

2.1 Arte afro-brasileira

Para pensar sobre arte afro-brasileira, é importante ter em mente o contexto de ruptura e violência histórica, pelo qual os sujeitos negros passaram, ao serem tirados de seus países e

---

[6] TITO, Fábio. Comic Con da Periferia, PerifaCon atrai cerca de 4 mil pessoas, **G1 SP**. São Paulo, 24 mar. 2019. Disponível em <www.g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/03/24/comic-con-da-periferia-perifacon-atrai-cerca-de-4-mil-pessoas-neste-domingo.ghtml>. Acesso em: 19 ago. 2019.

[7] MARI, João de; BERNARDO, Kaluan. Perifacon mostra que favela também é nerd e que está cheia de novos autores. **Uol**. 25 mar. 2019. Disponível em < www.tab.uol.com.br/noticias/redacao/2019/03/25/a-periferia-sempre-consumiu-cultura-nerd-e-a-perifacon-foi-a-prova-disso.htm>. Acesso em: 03 set. 2020

culturas de origem no processo de escravização (MUNANGA, 2019). Tais processos de violação da humanidade dessas populações marcam o início de suas histórias no Brasil. Porém, como apresenta Roberto Conduru (2012), tratar a arte afro-brasileira como consequência de uma fusão entre o que seria a arte brasileira e a arte africana pode implicar na pré-suposição de uma "africanicidade" e "brasilidade" intrínsecas a todas as obras produzidas nestes contextos, além de uma compressão e redução de diversas culturas e nações africanas a uma ideia única de África.

> Deste modo, afro-brasilidade pode ser entendida como expressão que designa um campo de questões sociais, uma problemática delineada pelas especificidades da cultura brasileira decorrentes da diáspora de homens e mulheres da África para o Brasil e da escravidão deles e de seus descendentes, do século XVI ao XIX. (CONDURU, 2012, p. 10)

O processo de sincretismo religioso, na correspondência entre orixás e santos católicos, constitui um importante movimento na formação de uma linguagem visual afro-brasileira, "uma linguagem, sem dúvida religiosa, praticada por causa da repressão ideológica e política" (MUNANGA, 2019, p. 81). Este processo ocorreu de forma dupla: tanto pela absorção de iconografias negras pela Igreja Católica no Brasil (CONDURU, 2012), como também por um processo de resistência da população negra escravizada, na tentativa de continuar com suas práticas religiosas.

Do ponto de vista da resistência da população negra, a prática tece relações com a noção de quilombismo, que "pode ser entendido como toda estratégia de sobrevivência física e mental, legalizada ou não, desenvolvida em benefício da comunidade de origem africana, dos quilombos, passando pelas religiões de matriz africana até o movimento hip-hop" (FLORES; AMORIN, 2011, p. 63-64). Tendo seus hábitos e ritos tolhidos e perseguidos, essas populações precisaram desenvolver táticas para seguir com as suas práticas religiosas, dentro da nova realidade de dominação em que se encontravam.

Como apresenta Renata Aparecida Felinto dos Santos (2016), alguns autores destacam a religiosidade como um caráter essencial na definição da arte afro-brasileira, por ser esse um dos principais elos entre a produção de artistas negros no Brasil com suas origens africanas. O processo de recriação de objetos religiosos, pelos negros escravizados, caracteriza, para Kabengele Munanga (2019), as primeiras manifestações de uma arte afro-brasileira: em que não podiam trazer consigo aparatos materiais de suas vidas cotidianas e religiosas; os negros,

que chegaram ao Brasil, tiveram de recriar os elementos físicos que constituíam a sua cultura, e utilizar somente a memória e o imaginário como referência.

> Nesse sentido, a expressão arte afro-brasileira indica não um estilo ou movimento artístico produzido apenas por afrodescendentes brasileiros, ou deles representativo, mas um campo plural, composto por objetos e práticas bastante diversificados, vinculados de maneiras diversas à cultura afro-brasileira, a partir do qual tensões artísticas e sociais podem ser problematizadas estética e artisticamente (CONDURU, 2012, p. 18)

A arte afro-brasileira engloba diferentes expressões que estabelecem diálogos com a cultura e vivência do negro no Brasil, e não precisam ser produções exclusivas de artistas negros, uma vez que, para Nelma Barbosa[8] (2020, p.51) "a experiência sensível nos territórios que sofreram empreendimento coloniais remonta a África como origem, mas não como fim. África marca a ideia da possível continuidade do ser, de se humanizar para além do plano físico". Muitos artistas, não-negros, possuem obras que podem ser consideradas afro-brasileiras, a exemplo de Tarsila do Amaral e Carybé.

Para Munanga (2019), os artistas brasileiros se relacionam de formas distintas com as abordagens de temas afro-brasileiros, em seus trabalhos. Há àqueles que direcionam conscientemente sua produção para a temática, mas também há quem a trate de forma espontânea, bem como artistas que trazem temas afro-brasileiros, em suas obras, de forma incidental.

2.2 O Artista Negro no Brasil

A inserção do negro nas artes do Brasil também reflete acúmulos de desigualdades. Segundo Sirlene Alves e Marcelino Rodrigues (2013), durante o século XIX, algumas atividades manuais possuíam menos prestígio, e contavam com uma grande presença de artistas negros à frente da produção de uma dita arte popular. Esta arte seria "comumente realizada pelas camadas menos abastadas, feita por artistas que geralmente não têm instrução e ocorre à margem daquilo que a sociedade reconhece como arte: a arte das elites." (DOSSIN, 2008, p. 124). Essas manifestações tidas como populares seguiram com forte presença de artistas negros ainda no século XX.

---

[8] Nelma Barbosa é doutora em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia e artista plástica. Autora do livro "Arte Afro-brasileira: identidade e artes visuais contemporâneas", fruto de sua tese de doutorado.

Houve artistas negros na produção de arte barroca no século XVIII, nomes como Mestre Ataíde e Antônio Francisco Lisboa, conhecido como Aleijadinho. Observa-se, na arte barroca destes artistas, a caracterização de anjos e santos com traços negros, ao contrário das imagens de pessoas brancas difundidas pela Igreja Católica. Para Conduru (2012), essa era uma das poucas manifestações de autorrepresentações socialmente permitidas aos negros, quando escravizados, sendo até mesmo incentivadas pelos colonizadores, uma vez que operavam como medida de conversão e dominação religiosa sobre os negros.

Tendo o fazer artístico como profissão, era essencial para os autores que suas produções fossem de gosto do público consumidor. Com isto, muitos artistas negros, formados na Academia Imperial e na Escola de Belas Artes, demonstravam um maior interesse em emular uma estética próxima às chamadas Belas Artes e não à temática afro-brasileira em suas produções (CONDURU, 2012).

Com a eclosão do movimento Modernista brasileiro, entretanto, somente na primeira metade do século XX, que os artistas negros passaram a receber maior atenção e respeito para um circuito de arte mais amplo (BARBOSA, 2020). Os integrantes do Modernismo brasileiro buscaram construir uma arte, que fosse autenticamente brasileira, opondo-se ao academicismo vigente até então, estabeleceram assim uma reaproximação com expressões consideradas como “primitivas” e “populares”. Muitos enxergaram na produção, e vivência negra do Brasil, uma rica fonte de inspiração, e seguiram a tendência já apresentada por Modernistas europeus, como Picasso e Matisse, e suas “descobertas” da arte africana no mesmo período. (AJZENBERG; MUNANGA, 2009)

Artistas como Tarsila do Amaral, Portinari, Di Cavalcanti, Heitor dos Prazeres, Mestre Didi e Rubem Valentim foram alguns dos que retrataram a cultura e a população negra em seus trabalhos. (BARBOSA, 2020; MUNANGA, 2019). Mas as abordagens, assim como o reconhecimento que estes artistas recebem ao longo da história da arte brasileira, são bem distintos, a exemplo de Di Cavalcanti e Heitor dos Prazeres.

Figura 1- "Samba no Terreiro", por Heitor dos Prazeres (1957). Disponível em <www.enciclopedia.itaucultural.org.br/obra4659/samba-no-terreiro>. Acesso em: 09 set. 2020

Heitor dos Prazeres, artista negro que foi músico, cantor e pintor, retratou em suas pinturas diversos elementos da cultura negra brasileira, no século XX: os sambas, as favelas, as festas populares, as religiões de matriz africana, entre outros. Mas, diferentemente de nomes como Tarsila do Amaral e Portinari, artistas brancos, sua obra é taxada de ingênua ou mesmo infantil.

> É instigante pensar que nesse momento a temática negra é utilizada pelos artistas modernos contemporâneos a Prazeres. Porém não recebem o título de primitivo, *naif* ou ingênuos. A questão racial pode se articular como uma forma de diferenciação para inclusão de pretos e mestiços nas artes visuais. (ALVES; RODRIGUES, 2013, p. 177)

Também presente nas pinturas de Heitor dos Prazeres, as temáticas religiosas continuaram a protagonizar a produção de muitos artistas negros no Brasil, ao longo do século XX, sobretudo em obras com maior diálogo com temáticas afro-brasileiras. Entretanto, como aponta Santos, R. (2016), a partir da década de 1990 nota-se que muitos artistas negros começam a produzir não somente apoiados na religiosidade, e passam a trazer temas entorno

da autoinvestigação, da memória, das histórias pessoais e de familiares, "pautando-se nas questões que envolvem a história social, psicológica e afetiva desta população." (SANTOS, R., 2016, p.153).

3. Quadrinhistas Negros no Brasil

Os quadrinhos, bem como outros campos artísticos, constituem um importante meio de construção e divulgação de ideias, e refletem diferentes aspectos da sociedade. Ao longo do livro "*O Negro nos quadrinhos do Brasi*l", o pesquisador Nobu Chinen apresenta um vasto panorama de personagens negros, em quadrinhos brasileiros. Porém, ao longo da leitura, nota-se uma discrepância entre histórias produzidas por quadrinhistas negros (no caso, pouquíssimas) e por artistas não negros – a maioria, brancos. E este ponto traz diversos questionamentos acerca de como os negros têm sido representados nos quadrinhos, mas também sobre qual o espaço que ocupam na produção brasileira de quadrinhos.

Em entrevista[9] o quadrinhista, professor e Mestre em História da Arte, pela Universidade de São Paulo, Marcelo D'Salete, diz que "além dessas histórias negras se tornarem temas relevantes, é importante ter autores negros criando histórias. Garantir essa perspectiva é muito relevante artística e socialmente. Não podemos ter apenas um mesmo grupo falando de nossas histórias". E mais: "os quadrinhos acabam por ser mais um campo da colonização cultural, no sentido de nos privar de nossa própria representação cultural. Não nos vemos, mas somos levados a nos identificar" (LOPES, 2012, p.14). Faz-se cada vez mais necessária a presença de artistas negros com poder de voz, contando suas histórias a partir de suas perspectivas e vivências.

Apesar das adversidades, há muitos quadrinhistas negros no Brasil. "A internet tornou-se um fator importante para a divulgação desses novos artistas, principalmente para aqueles cujos trabalhos não se encaixam nos parâmetros estéticos e temáticos das editoras comerciais" (SANTOS; CORRÊA; TOMÉ, 2013, p. 41) Um dos primeiros e mais importantes quadrinhistas negros no Brasil é Maurício Pestana, "cartunista reconhecido por seu engajamento com os movimentos negros, cuja obra é pautada pelo combate ao preconceito e a igualdade de direitos" (CHINEN, 2019, 235). Além de cartunista e ilustrador, Pestana é jornalista, publicitário e escritor. Atuou como secretário de Promoção da Igualdade Racial da Cidade de São Paulo

---

[9] D'SALETE, Marcelo Por que falar da escravidão do Brasil em quadrinhos? Entrevista concedida a Carolina Ito. **Outras Palavras**. 23 JUL. 2015. Disponível em <www.outraspalavras.net/poeticas/por-que-falar-da-escravidao-do-brasil-em-quadrinhos/>. Acesso em: 16 ago. 2020.

(2013-2016) e desde 2007 é Diretor Executivo de *Raça*, revista lançada em 1996, com foco no protagonismo negro brasileiro.

Pestana ganhou notoriedade ainda nos anos 1980. Ele utilizava de suas criações para criticar costumes, opressões e demais processos de violência contra a população negra e pobre brasileira, como na produção de cartilhas e outros materiais educativos com o objetivo de levar mais informação à população negra e pobre do país (SCHMITZ; PACHECO; LEMOS, 2014).

Em 2003, publicou a revista *Violência Histórica*, pela editora Ópera Gráfica, e esse trabalho lhe trouxe maior visibilidade por um público mais amplo (GOIDANICH; KLEINERT, 2014). Muitos de seus quadrinhos abordam eventos da história negra brasileira, como em "A *Revolta da Chibata"* (2010) e "*Revolução Constitucionalista de 1932 em quadrinhos"* (2009).

Figura 2- Tira de Maurício Pestana sobre violência policial. Disponível em <www.mauriciopestana.com.br/wp-content/uploads/2018/07/368.jpg>. Acesso em: 27 out. 2020

3.1 Quadrinhistas negros contemporâneos no Brasil (2011-2020)

Um dos principais nomes dos quadrinhos brasileiros, contemporâneo, é Marcelo D'Salete. Seu quadrinho *Encruzilhada* (2011) é um conto urbano que nasceu a partir de notícias sobre violências cotidianas, vivenciadas por jovens da periferia. Com *Angola Janga*[10] (2017) o artista ganhou quatro Troféus HQMix[11], o Prêmio Grampo de Ouro[12] 2018, o Prêmio Jabuti[13] de 2018 na categoria de "Histórias em Quadrinhos" e o prêmio Rudolph Dirks Award[14] 2019, na categoria de "melhor roteiro América do Sul". Também em 2018, D'Salete ganhou o Prêmio Eisner[15] na categoria "Melhor edição Americana de Material Estrangeiro" com o seu quadrinho *Cumbe*, publicado originalmente em 2014. O Prêmio Eisner é considerado o maior de quadrinhos no mundo, e D'Salete foi o primeiro, e até então único, quadrinhista negro brasileiro a vencer a premiação.

Para o seu trabalho de conclusão de curso da Faculdade de Arquitetura, a quadrinhista Marília Marz produziu *Indivisível*, que retrata como a arquitetura da cidade pode fazer parte de um processo de apagamento histórico de uma população em detrimento de outra, bem como a literal sobreposição de culturas distintas em um mesmo local. Em 2018, *Indivisível* foi um dos cinco vencedores na *Des.Gráfica*, concurso de publicações independentes sediado no Museu da Imagem e do Som de São Paulo, com 50 exemplares impressos. Em 2019, a artista lançou uma nova edição do trabalho, por meio de financiamento coletivo, e incluiu a pesquisa teórica realizada. Em 2020, a obra foi anunciada como um dos lançamentos do selo de quadrinhos digitais da Conrad Editora.

Também resultando de um trabalho de faculdade, o ilustrador e quadrinhista Douglas Lopes publicou no ano de 2019, em parceria com Max Koubik, o quadrinho *Existe outro caminho: a primeira geração do rap nacional*. Fruto do trabalho de conclusão de curso da Faculdade de Publicidade e Propaganda, o quadrinho conta um pouco da história da cena de hip

---

[10] D'SALETE, Marcelo. **Angola Janga.** Disponível em </www.dsalete.art.br/hq_angolajanga.html>. Acesso em: 19 ago. 2020

[11] O Troféu HQMIX é uma das principais premiações de histórias em quadrinhos do Brasil. Criado em 1989, o objetivo é difundir e valorizar a produção nacional de quadrinhos, além de contemplar categorias para produção acadêmica sobre o tema.

[12] O Prêmio Grampo de Ouro ocorre desde 2016, com histórias em quadrinhos brasileiras.

[13] O Prêmio Jabuti é a maior premiação brasileira de literatura, contempla diversos tipos de produções de livros, possui uma categoria para histórias em quadrinhos.

[14] Importante premiação alemã de quadrinhos, o Rudolph Dirks Awards é homônimo, na Alemanha.

[15] CODESPOTI, Sérgio. Cumbe, de Marcelo D'Salete, ganhou o Prêmio Eisner, por Sérgio Codespote**.** **Universo HQ.** 23 jul. 2018. Disponível em <www.universohq.com/noticias/cumbe-de-marcelo-dsalete-ganhou-o-premio-eisner/ >. Acesso em: 17 ago. 2020.

hop e rap, na periferia de São Paulo, nas décadas de 1980 e 1990, aborda tanto a perspectiva dos músicos quanto de quem consumia e vivia a cena.

Em parceria com a Mauricio de Sousa Produções, Rafael Calça, roteirista, ilustrador e professor, e Jefferson Costa, quadrinhista e ilustrador, recriaram, em 2018, a história de um dos personagens mais antigos de Mauricio de Sousa, o garoto Jeremias, personagem negro que, em mais de 50 anos de existência, nunca havia protagonizado uma única capa regular de gibi. Em *Jeremias: Pele*, os autores mostram o protagonista enfrentando o monstro do racismo, ainda criança, e sua jornada emocional enquanto pessoa negra. A dupla ganhou um Troféu HQMix pela história, além de um Troféu Jabuti na categoria de Histórias em Quadrinhos. Em 2020 publicaram uma segunda história, *Jeremias: Alma*, na qual abordam o tema da ancestralidade negra.

Graduada pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a artista mineira Ana Cardoso publicou em 2015 o quadrinho *We Pet - Animal Center*, sobre um cãozinho que vive em um abrigo para animais e sonha em ser adotado. Em 2018 lançou pela Balão Editorial o quadrinho *Quando você foi embora*, voltado para temas sensíveis na relação entre uma garota e um cãozinho, do qual precisa cuidar. Além de quadrinhista, Ana é autora e artista de livros infantis e sócia-fundadora, professora e ilustradora no Estúdio Black Ink, uma escola e estúdio de artes na cidade de Belo Horizonte (MG), especializada na produção autoral de ilustração e quadrinhos.

Além de artistas com maior foco no quadrinho impresso, há àqueles que publicam seus trabalhos nas redes sociais e outras plataformas digitais, sendo que alguns deles lançam versões impressas de suas histórias, posteriormente. Um exemplo é Robson Moura, quadrinhista e professor da rede pública de ensino de São Paulo. Em 2015, Moura iniciou a *webcomic*[16] *Black Friday*, em que tinha uma página com postagens sempre as sextas-feiras no Facebook. O nome foi escolhido em referência à liquidação famosa no comércio mundial, e fazia um paralelo à violência enfrentada pelos negros no Brasil. Em 2017, o artista lançou uma campanha de financiamento coletivo[17] para a publicação de um volume impresso do projeto.

---

[16] Os quadrinhos produzidos através de recursos digitais e vinculados na internet "recebem o nome de HQtrônicas, webcomics, cybercomics ou net comics" (SANTOS; CORRÊA; TOMÉ, 2013, p. 35).

[17] MOURA, Robson. Black Friday. **Catarse**. Disponível em <www.catarse.me/blackfriday>. Acesso em: 06 set. 2020

A ilustradora e quadrinhista Bennê Oliveira, de Recife (PE), publica em seu Instagram, tirinhas nas quais aborda questões cotidianas e políticas. A partir de uma perspectiva pessoal, a artista reflete sobre as próprias emoções e também sobre o contexto político e social do Brasil, passa por temas como a luta antirracista, a luta pelos direitos das mulheres, saúde mental, entre outros. Além da série de tirinhas *Levemente Insana*, ela é autora da HQ *Mares*, e participou da primeira edição impressa da revista *Mina de HQ*, projeto que reúne material de jornalismo, pesquisa, quadrinhos e ilustrações produzidas por mulheres e pessoas não-binárias.

Em 2019, o ilustrador, escritor, designer e quadrinhista nascido na periferia da cidade de São Paulo, Johnatan Marques, começou a publicar a *webcomic Oséias* com uma proposta de interação direta entre os leitores e o roteiro da história: toda semana o autor divulga uma enquete em sua conta do Twitter para que os leitores decidam elementos da trama, com uma página divulgada semanalmente. A história, que mistura fantasia em um conto urbano, apresenta Oséias, um jovem negro e gay que possui licantropia e tem visões, e segue com situações de racismo em seu dia a dia. Ainda em 2019, o artista realizou uma campanha de financiamento coletivo[18] para lançar um volume impresso da história.

Daiandreson Victor, ilustrador e quadrinhista nascido em Petrolina (PE) publica em sua conta no Instagram as tiras do personagem *AfroBoy - O menino Robô*, em que mescla referências à animes, cultura brasileira, humor e política. Em 2018 lançou, com financiamento coletivo, o quadrinho *Sangue e Coragem*, que narra a história de preparação de um guerreiro. O artista foi finalista no *Silent Mangá Audition*, concurso internacional de mangás, sem diálogos, que reúne autores consagrados dos quadrinhos japoneses no júri. Victor foi um dos finalistas com o mangá *Bycicle Brothers* em duas edições do concurso.

Nascido no Rio de Janeiro, o ilustrador, diretor de arte e quadrinhista Péricles Júnior tem atuado profissionalmente no desenvolvimento de histórias em quadrinhos, desde 2009. Desde então, o artista já desenvolveu trabalhos para o mercado internacional, com projetos para as editoras estadunidenses Dark Horse e Devils Due Comics e a desenvolvedora japonesa de jogos, Capcom. Em 2014, publicou a webcomic *Muito Prazer, Lia*, que posteriormente ganhou uma edição impressa. Também publicou outros trabalhos, como o quadrinho de terror *Carnívora* (2015) pela AVEC Editora e o título *Eu sou Lume* (2019), com financiamento coletivo. O artista também assina trabalhos com o pseudônimo de “PJ Kaiowá”.

---

[18] MARQUES, Johnatan. Oséias (2019) #1. **Catarse**. Disponível em <www.catarse.me/oseias>. Acesso em: 07 ago. 2020.

Há artistas na produção de charges e tirinhas, como o paulista Antônio Júnior, conhecido pelo nome Junião e o capixaba Estevão Ribeiro, cujos trabalhos são publicados de forma digital, mas também em jornais impressos. Nascido em Campinas (SP), Junião é cartunista e jornalista, desenvolve charges e ilustrações para veículos de diversos países. Com grande produção voltada para o jornalismo ilustrado, o olhar cuidadoso faz com que suas tiras dialoguem com o contexto social e político, vigente no país, em diversos temas, sobretudo o racial. Já Estevão Ribeiro é o autor da série de tirinhas *Os Passarinhos,* publicada em um blog e que se tornou site próprio. Também é autor de *Rê Tinta,* série de tiras sobre a personagem homônima: uma garota negra retinta e seu processo de valorização e amor-próprio, enquanto menina negra, de pele escura. As tiras são publicadas no Instagram e Facebook, na plataforma Catarse, e oferece uma assinatura mensal, além de terem ganhado um livro impresso em 2019.

Existem muitos outros quadrinhistas negros como Flávia Borges, Dika Araújo, Janaína Esmeraldo, Alessandro Flores, João Miranda, Diox (Diocir Júnior), Triscila Oliveira, Paulo Bruno, Alex Mir, Yorhán Araújo, Rogi Silva, Anderson Awvas, entre outros. A gama de temas apresentados são diversos, desde histórias de ficção e fantasia até histórias biográficas, entre tantas outras possibilidades. Muitos publicam suas histórias por meio de redes sociais de plataformas de quadrinhos na Internet, mas também lançam campanhas de financiamento coletivo, para a viabilização de edições impressas de seus trabalhos, além da participação em antologias e coletâneas de quadrinhos independentes.

4. Diálogos entre quadrinhistas negros e arte afro-brasileira

Tendo em vista as muitas dinâmicas que pavimentam a história do negro no Brasil, com as artes, e ao analisar alguns quadrinhos produzidos por artistas negros, é possível tecer diálogos entre essas produções e elementos da arte afro-brasileira. Diálogos estes construídos a partir de temáticas exploradas por esses artistas, e não necessariamente por se encaixarem em determinado estilo visual.

Faz-se necessário destacar que nem toda história em quadrinhos, de autoria negra, dialoga, com as noções de afro-brasilidade - aqui entendidas como o campo de tensões e reflexões acerca da experiência da população negra diaspórica no Brasil (CONDURU, 2012). Mas há um questionamento constante a respeito dos temas que artistas negros, para além dos quadrinhistas, tratam em suas produções

> (...) o artista afrodescendente contemporâneo que alcança o reconhecimento, ou que está se fazendo conhecer, inevitavelmente, em algum ponto de sua trajetória, encontrar-se-á diante do seguinte dilema: se toca nas questões de sua africanidade, é rotulado como e somente "artista afro-brasileiro"; se não toca, é visto com desconfiança, como se intencionasse negar seu passado, suas raízes. (SANTOS, R., 2016, p.195)

O estereótipo do artista negro, como alguém que precisa, automaticamente, tratar sempre e somente de questões relacionadas à negritude, também é observado na produção de outros artistas racializados[19]. Por exemplo, àqueles que possuem ascendência japonesa e são questionados por abordar, ou não, temáticas nipônicas em suas produções; ou mesmo se, no âmbito dos quadrinhos, produzem mangás[20]. "Ou seja, pertencer ou não a determinado grupo étnico-racial é assumir para si as implicações simbólicas de tais representações identitárias na contemporaneidade" (BARBOSA, 2020, p. 52). No campo das artes, isso pode ser observado na constante tentativa de "enquadrar", de forma generalizante, toda a complexidade e diversidade de produções cujos autores pertencem a um mesmo grupo étnico, dentro de uma mesma categoria.

Na pesquisa das produções dos quadrinhistas Junião, Rafael Calça, Marília Marz, Jefferson Costa e Marcelo D'Salete, observam-se dois elementos que permeiam seus trabalhos e possibilitam a construção de diálogos com elementos da afro-brasilidade: a resistência e a memória. Resistência não só como forma de sobreviver, mas de ressignificar a própria existência e a da coletividade; entender a si como uma pessoa negra no Brasil e sentir orgulho disso. E memória, como instrumento de perpetuação de tradições e histórias pessoais ou coletivas, tendo o passado como um exemplo de como o futuro deve ou não ser. Resistência e memória caminham lado a lado na história da população negra no Brasil, e podem ser observadas em alguns quadrinhos.

Para Alecsandra Matias de Oliveira (2012), cada vez mais trabalhos artísticos, produzidos por artistas negros, têm assumido um caráter autorreferencial e biográfico, como pode ser observado na produção de arte afro-brasileira. Para a autora, "a memória, o corpo e,

---

[19] Racialização é o processo de atribuição de características pré-determinadas a pessoas pertencentes a grupos étnicos, num processo de imposição de grupos dominantes a grupos inferiorizados (MOMSMA, Karl, 2013)

[20] Mangá é o termo utilizado para referir-se aos quadrinhos japoneses e sua linguagem característica. Apesar de ser internacionalmente um sinônimo para "quadrinho japonês", "para os japoneses toda e qualquer história em quadrinhos, independentemente de ser japonesa ou não, é chamada de mangá porque simplesmente essa é a palavra que em japonês designa "quadrinhos ``(SATO, 2007, p. 58).

em alguns casos, a história e a localidade são impressas nos objetos estáticos como forma de especificidade". (OLIVEIRA, 2012, p. 37). Os quadrinhistas Rafael Calça e Jefferson Costa, em diversos eventos referentes ao quadrinho *Jeremias: Pele*, relataram que muitas das situações vividas pelo protagonista, um garoto negro, bem como situações enfrentadas por outros personagens negros da história, foram baseados em vivências reais deles e de familiares. Situações como abordagens policiais ou bullying pela própria aparência, entre tantas outras.

> A essa forma de se trabalhar a arte considerando o aspecto íntimo e pessoal das vidas dos indivíduos artistas aos de ação grupal e isto é, "microbiografias" e de política, denominamos de "macrobiografias", estratégias visuais para a ampliação das percepções e entendimentos do ser negro ou negra, filtradas pela sensibilidade artística de seus produtores que, após independente dos motivos que dedicarem-se aos temas que mais lhes tocam desencadeiam sentimentos e consciências, buscam pelas linguagens e expressões mais apropriadas para se dar visualidade, corpo a estas ideias, reflexões. (SANTOS, R., 2016, p. 153)

Com *Roseira, Medalha, Engenho e outras Histórias,* Jefferson Costa entrelaça histórias de sua família, ao longo do século XX, retrata tradições, vivências e anseios de uma família predominantemente negra, no interior da Bahia. Com texto informal, baseado no modo como a língua era falada, Costa constrói um mosaico de vivências ricas de uma realidade comum à grande parte da população brasileira.

> Todos procuram dar sentido à existência, seja a sua própria ou a da coletividade. Desvelar memórias pessoais torna-se movimento de resistência contra a apatia e a amnésia - sentimentos gerados por um contexto de excessos, estabelecido pela cultura da mídia e por setores sociais dominantes (OLIVEIRA, 2012, p. 37).

Figura 3: Jeremias: Pele, por Rafael Calça e Jefferson Costa. Disponível em <www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/06/pele-da-passo-importante-mas-ainda-timido-contra-racismo.shtml> Acesso em 30 ago. 2020

A construção de um imaginário positivo, em torno da negritude, é observada em grande parte da produção de quadrinhistas negros contemporâneos no Brasil. mesmo na abordagem de racismos de diferentes tipos, muitos artistas criam discursos em que desvinculam do negro, a culpa pela violência que sofre, e destacamque as agressões não definem quem ele é. Um exemplo são as tiras de *Dona Isaura*, do artista Junião, nas quais a personagem vive situações cotidianas, assume uma postura de enfrentamento ao racismo e a outras opressões, e sempre demonstra o orgulho em ser uma mulher negra. O discurso positivo, em torno da própria negritude, é ensinado aos netos, que desde pequenos já sentem orgulho dos cabelos crespos e da pele escura. Segundo o próprio artista[21] Dona Isaura foi inspirada em pessoas de sua família, com forte presença feminina.

[21] JUNIÃO. **Quem é Dona Isaura?** Disponível em <www.donaisaura.com.br/quem-e-dona-isaura/>. Acesso em: 08 set. 2020

Figura 4 - Tira da "Dona Isaura", reforçando o orgulho de ser negra ao neto. Disponível em <www.juniao.com.br/dona-isauraf>. Acesso em 07 set. 2020

Algo em comum observado nos trabalhos de Junião, Rafael Calça e Jefferson Costa é a força do núcleo familiar. A presença de uma família estruturada se mostra um importante elemento na construção da emocionalidade do sujeito negro brasileiro. Para Neuma Santos Souza (1983) a emocionalidade é entendida como um elemento particular que se subordina ao conjunto mais geral de injunções da história da formação social, onde este sujeito está inserido. Elemento este que se relaciona, portanto, com questões como autoestima e valor de identidade, sendo influenciado diretamente pelo ambiente e experiências pessoais do negro.

Nos quadrinhos *Cumbe* (2014) e *Angola Janga* (2016), Marcelo D`Salete destaca a importância do protagonismo negro na história do país, e escreve sobre a resistência e luta de negros escravizados. Durante entrevista[22] a respeito do Prêmio Eisner, recebido pelo seu

[22] D'SALETE, Marcelo. Com obra que aborda escravidão no Brasil, ex-aluno da ECA vence prêmio Eisner**.** **(**Entrevista concedida a Mirela Cordeiro Coelho). **ECA- Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo,** São Paulo**,** 02 ago. 2018. Disponível em <www3.eca.usp.br/noticias/com-obra-que-aborda-escravid-o-no-brasil-ex-aluno-da-eca-vence-pr-mio-eisner>. Acesso em: 01 set. 2020

quadrinho *Cumbe*, o artista falou sobre o processo de pesquisa e a importância de narrativas que ajudem a dimensionar a população negra na história brasileira.

> O livro tem esse nome porque *Cumbe* significa "luz", "força", "chama", que é sinônimo de "quilombo" em alguns locais. É uma palavra de origem do quimbundo, que é uma das línguas da região de Angola. Também é um livro que tenta falar dessa população a partir de uma perspectiva bem específica, mas que eu considero essencial pra gente entender a história do Brasil como um todo. A gente não tem como entender essa história sem entender a participação de milhões de africanos e africanas que vieram para cá, que foram trazidos pra cá de modo forçado, dentro desse sistema da escravidão. (D'SALETE, 2018)

Os trabalhos de Marcelo D'Salete conversam com Alves e Rodrigues (2013, p. 13), que dizem: "De uma forma ampla, a imagética afro-brasileira pode dialogar com as histórias silenciadas, porque partem da margem sem o vício excludente de colonialidade". Ao trazer narrativas do ponto de vista dos sujeitos negros escravizados em "*Cumbe"* e "*Angola Janga"*, o autor busca reconstruir a humanidade que lhes foi tomada no processo de dominação, permitindo com que os leitores sejam conduzidos pelas suas vivências e pontos de vista, ao longo dos quadrinhos. Perspectiva esta essencial para a compreensão da história do Brasil, pois segundo D'Salete [23], "não é possível entender nossa realidade sem entender as suas partes, suas particularidades negras, periféricas, indígenas, etc." (CALÇA; CARDOSO; COSTA; D'SALETE; JÚNIOR, 2018).

[23]CALÇA, Rafael; CARDOSO, Ana; COSTA, Jefferson; D'SALETE, Marcelo; JÚNIOR, Péricles. A cor do Nanquim: Uma análise sobre os negros que produzem HQs no Brasil. Entrevistas concedidas a Isabelle Felix. **Omelete**.14 nov. 2018. Disponível em <www.omelete.com.br/quadrinhos/a-cor-do-nanquim>. Acesso em: 09 ago. 2020

Figura 5- Trecho de Cumbe, por Marcelo D'Salete. Disponível em <www.vitralizado.com/wp-content/uploads/2014/09/Cumbe1.jpg>. Acesso em 03 nov. 2020

Sob a mesma ótica de Marcelo D'Salete, no trabalho de Marília Marz com *Indivisível*, a artista tece uma rede de discussões complexas sobre histórias silenciadas. No quadrinho, é tratado o processo de invisibilização da cultura negra no bairro da Liberdade, no Centro da cidade de São Paulo. A região é conhecida como reduto paulistano de culturas orientais como a japonesa, chinesa e coreana, mas também representa uma importante localidade na história da população negra no Brasil. É ali onde existia o Cemitério dos Aflitos, primeira necrópole pública de São Paulo, onde eram enterradas, predominantemente, pessoas negras escravizadas. Em entrevista[24] sobre o processo de criação do trabalho, a artista conta:

> Eu tava muito num processo de descoberta da minha própria identidade negra. Então como assim o meu bairro preferido da cidade também tinha muito a ver comigo e com essa história de uma forma que não conhecia. Desde então o foco do meu trabalho foi cobrir como o bairro é oriental e negro. Como essas duas coisas coexistem no mesmo lugar (MARZ, 2019).

[24] MARZ, Marília. Indivisível retrata a história da cultura negra no bairro da Liberdade. (Entrevista concedida a Davi Costa). **Epílogo**, 2019. Disponível em <www.epilogo.art.br/indivisivel-marilia-marz-liberdade-catarse>. Acesso em: 10 set. 2020

Figura 6 - Trecho de "Indivisível", de Marília Marz (2018). Disponível em <www.geledes.org.br/indivisivel-retrata-a-historia-da-cultura-negra-no-bairro-da-liberdade/>. Acesso em: 11 set. 2020

Diferentes processos de resgate das próprias origens, da história social que faz parte da sua constituição, enquanto pessoa e como meio de construção da própria identidade, estão presentes também em *Indivisível*. Mas tendo em vista o ponto de ruptura que marca o início da história e a arte afro-brasileira, existem pontos de dificuldade nesses processos, uma vez que "a força vital da arte africana, outrora revestida pelo moderno e agora travestida pela contemporaneidade, retoma as referências de uma ancestralidade que há tempos foi perdida - elos que jamais serão restaurados." (OLIVEIRA, 2012, p. 41). Apesar da complexidade, esse resgate figura como um exercício de resistência e ressignificação perante as muitas violações que os indivíduos negros sofrem ao longo da história do Brasil.

> Artistas visuais afrodescendentes e uma produção de arte alinhada a um movimento negro, não no sentido clássico da militância, mas sim do negro no enfrentamento de seu passado e imbuído de dar sentido ao que produz artisticamente a partir de sua experiência de vida presente. Enquanto ser negro ou negra e considerando também as biografias, lutas e trajetórias de seus antecessores, ou para trazer uma perspectiva tradicionalista africana, de seus ancestrais, são gradualmente mais comuns e os mesmos agora impõem sim a relevância desta história, memória e existência como temática das Artes Visuais, bem como descendentes de europeus e de asiáticos também apresentam seus valores culturais, sociais, históricos herdados por meio de suas produções sem serem rotulados, ou ainda, marginalizados (SANTOS, R., 2016, p. 170)

A noção de politização da arte e do artista, como sugere Santos, R (2016) perpassa aqui noções pré-estabelecidas de política: o processo de utilizar as próprias experiências, enquanto indivíduos negros, numa sociedade como a brasileira, como força motriz para a criação de arte, torna-se um ato político. Por meio de suas obras, esses quadrinhistas se recolocam no mundo como vozes ativas e protagonistas de suas próprias narrativas, servindo de porta-vozes para tantos cuja história, pessoal ou social, assemelha-se.

São dinâmicas que permitem a construção de novas práticas de representação e reconhecimento, na esfera das artes, criadas por artistas negros. Dinâmicas que não estão presentes somente no campo dos quadrinhos, mas também em tantas outras expressões artísticas, como na música e no teatro negros. Os negros, não mais como temas somente, e sim como vozes potentes que se fazem ouvidas, a partir de potências que reverberam mais e mais por meio das artes que, como um prisma, permite com que suas histórias se multipliquem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelas análises das trajetórias, e produções em quadrinhos, dos artistas negros discutidos, nas conjunturas sociais brasileiras, percebe-se que a atuação de quadrinhistas negros no Brasil é cada vez mais relevante. São conjunturas sociais e políticas que influenciam não somente na formação destes quadrinhistas como artistas, mas como sujeitos negros, com vozes ativas.

Os quadrinhistas negros no Brasil possuem produções amplas e diversas, não apenas tratando de temáticas afro-brasileiros. Ao mesmo tempo, muitos destes temas fazem parte de suas histórias - pessoais e coletivas.

Ainda há muito a avançar, mas também houve progressos dignos de celebração. Entre 2017 e 2020, Marcelo D`Salete recebeu um dos maiores prêmios dos quadrinhos mundiais, por uma narrativa preta; Rafael Calça e Jefferson Costa ganharam o Prêmio Jabuti pela história de um garoto negro praticamente esquecido por quase 50 anos; em 2020, Jefferson Costa vence o Troféu HQMix, em diversas categorias, com um quadrinho que celebra as memórias e lutas de sua família, além de ter sido indicado ao Prêmio Jabuti pelo mesmo trabalho. Marília Marz é uma das protagonistas do selo de quadrinhos digitais da Conrad Editora, com *Indivisível*. Esse tipo de reconhecimento público constitui um espaço importante, considerando uma história marcada por tentativas de silenciamento e apagamento.

Alguns destes quadrinhos chegaram também ao contexto escolar. Em 2018[25], os títulos *Cumbe* e *Angola Janga*, de Marcelo D'Salete, foram aprovados para integrarem o Plano Nacional do Livro Didático Literário (PNLD Literário), e ficaram disponíveis em bibliotecas de escolas públicas do Brasil. O quadrinho *Jeremias: Pele*, de Rafael Calça e Jefferson Costa, teve grande repercussão entre crianças, sendo que em diversas escolas ocorreram atividades relacionadas com o quadrinho – como encenações, em que algumas os próprios quadrinhistas foram convidados para assistir.[26] Se, por muito tempo na história do Brasil, as imagens de pessoas negras reproduzidas em materiais didáticos só refletiam dor e submissão, talvez agora isso comece a mudar aos poucos.

Alinhados às considerações de Santos, R. (2016), entendemos que a contribuição de artistas negros, à frente da produção de histórias em quadrinhos no Brasil, fortalece um pensamento de autoinvestigação e questionamento do mundo ao redor. São pontos cruciais para o fortalecimento da própria comunidade negra no Brasil, cuja história tem sido, constantemente, vítima de apagamento sistêmico e hegemônico. Refletir sobre diálogos com arte afro-brasileira não constitui, assim, a imposição de barreiras para os seus trabalhos, mas sim a possibilidade de pavimentar novos caminhos artísticos e sociais, possíveis para suas produções. Pensar nesses trabalhos, com essas formas, apresenta oportunidades que sempre foram negadas aos negros no Brasil. Negacionismo.

Um maior protagonismo de quadrinhistas negros, no Brasil, contribui para além do campo das histórias em quadrinhos, fortalece uma disputa de discursos e narrativas na sociedade brasileira. São mais pessoas negras no papel de autoras, exercendo o poder do discurso. E tudo isso deve ser celebrado. Cada criança preta que se vê em *Jeremias*, todo jovem preto que teve acesso gratuito a um trabalho tão importante como *Cumbe*, pela biblioteca de sua escola, toda garota preta que vê mulheres pretas produzindo.

Também é preciso celebrar cada jovem preto que se sente menos inibido ao pegar um lápis e fazer sua voz ser ouvida. Em criar ou recriar uma realidade com tinta e papel, pixel e vetor, ou com quaisquer outras ferramentas que possuam. Cada jovem preto que consegue encontrar mais referenciais positivos, e que descobrem possibilidades e potencialidades, muito além daquelas que lhes foram impostas. Para que possamos chegar, talvez, em um momento em que não seja necessário somente resistir, e que sigamos ao fazer uso da memória como

---

[25] NALIATO, Samir. Angola Janga, Cumbe e Carolina, títulos da editora Veneta, serão adotados por escolas. **Universo HQ**. 14 set. 2018. Disponível em <www.universohq.com/noticias/angola-janga-cumbe-e-carolina-titulos-da-editora-veneta-serao-adotados-por-escolas/>. Acesso realizado em: 20 nov. 2020.

[26] CALÇA, Rafael. **Instagram**. Imagem publicada em 19 nov. 2019. Disponível em <https://www.instagram.com/p/B5D3_9vDI7Y/ >. Acesso em: 20 nov. 2020.

instrumento de referência e renovação, mas também viver plenamente enquanto negros e negras no Brasil, enquanto negros e negras nas artes — terreno este cada vez mais ocupado por pessoas negras.

Figura 7-Tira da personagem Dona Isaura, por Junião. Disponível em <www.twitter.com/dona_isaura/status/1275466839397732361>. Acesso em 01 nov. 2020

REFERÊNCIAS

DE ALMEIDA, M. A. Mudanças no Universo dos Quadrinhos: textos, materialidades e práticas culturais. In. **Revista de ciências sociais - Política & Trabalho**, v. 51, p. 24-42, 13 maio 2020.

ALVES, S. R.; RODRIGUES, M. E. Arte e afrobrasilidade como expoentes de luta e resistência. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 10, n. 2, p. 166–189, 2013.

AJZENBERG, Elza; MUNANGA, Kabengele. Arte Moderna e o impulso criador da Arte Africana. In **Revista USP**, n.82, p. 189-192, São Paulo: 2009

BARBOSA, Nelma. **Arte Afro-brasileira: identidade e artes visuais contemporâneas.** Jundiaí: Paco Editorial, 2020.

BUSANELLO, William de Lima. **Fanzine como obra de arte: da subversão ao caos**. 2. ed. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2018.

CALÇA, Rafael; COSTA, Jefferson. **Jeremias: Pele.** Barueri: Panini, 2018

CALÇA, Rafael; CARDOSO, Ana; COSTA, Jefferson; D'SALETE, Marcelo; JÚNIOR, Péricles. A cor do Nanquim: Uma análise sobre os negros que produzem HQs no Brasil. Entrevistas concedidas a Isabelle Felix. **Omelete**. 14 nov. 2018. Disponível em <www.omelete.com.br/quadrinhos/a-cor-do-nanquim>. Acesso em: 09 ago. 2020

CERQUEIRA, L. A.; DORNELAS, T. O mercado brasileiro de quadrinhos: a atuação das editoras no Brasil. **Revista Vianna Sapiens**, v. 9, n. 1, p. 14, 10 ago. 2018.

CHINEN, Nobu. **O negro nos quadrinhos do Brasil**. São Paulo: Peirópolis. 2019.

CIRNE, Moacy. **Quadrinhos, sedução e paixão**. Petrópolis: Vozes, 2001

CONDURU, Roberto. **Arte Afro-brasileira.** Belo Horizonte: C/Arte, 2012

D'SALETE, Marcelo. Com obra que aborda escravidão no Brasil, ex-aluno da ECA vence prêmio Eisner**.** Entrevista concedida a Mirela Cordeiro Coelho. **ECA- Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo,** São Paulo**,** 02 ago. 2018. Disponível em <www3.eca.usp.br/noticias/com-obra-que-aborda-escravid-o-no-brasil-ex-aluno-da-eca-vence-pr-mio-eisner>. Acesso em: 01 set. 2020

D'SALETE, Marcelo. **Cumbe**. São Paulo: Veneta, 2014.

D'SALETE, Marcelo. **Encruzilhada**. São Paulo: Veneta, 2016.

DOSSIN, Francielly Rocha. Apontamentos acerca da presença do artista afro-descendente na história da arte brasileira. **Anais do 17° Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Panorama da Pesquisa em Artes Visuais.** 2008. Disponível em: < www.anpap.org.br/anais/2008/artigos/024.pdf>. Acesso em: 03 set. 2020.

FELIX, Isabelle. A cor do Nanquim: Uma análise sobre os negros que produzem HQs no Brasil. **Omelete**. 14 nov. 2018. Disponível em <www.omelete.com.br/quadrinhos/a-cor-do-nanquim>. Acesso em: 09 ago. 2020

FONSECA M. V. A arte de construir o invisível: o negro na historiografia educacional brasileira. In **Revista Brasileira De História Da Educação**, n. 13, p. 11-50, 2007.

FRANCO, Edgar. Histórias em Quadrinhos e Hipermídia: As HQTrônicas Chega à sua Terceira Geração. In **Os Quadrinhos na era digital – HQTrônicas, webcomics e cultura participativa**, org Lúcio Luiz. Nova Iguaçu: Marsupial, 2013.

FLORES, Elio Chaves; AMORIN, Alessandro. Protagonismo negro numa perspectiva afrocentrada. **Revista Brasileira do Caribe**, São Luis, vol. XI, n. 22, p. 59-78, 2011.

GOIDANICH, Hiron; KLEINERT, André. **Enciclopédia dos Quadrinhos.** 2ed.Porto Alegre: L&PM, 2014.

LOPES, Romildo Sérgio. **Representação da Identidade Negra nas histórias em quadrinhos.** Anais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Ouro Preto, 2012

LUNA, Pedro de. HQs Digitais e quadrinhos na internet. In **Os Quadrinhos na era digital – HQTrônicas, webcomics e cultura participativa**, org Lúcio Luiz. Nova Iguaçu: Marsupial, 2013.

MAGALHÃES, Henrique. **A Mutação Radical dos Fanzines**. 2 ed. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2016

MARQUES, Johnatan. **Oséias**. São Paulo, 2019.

MARZ, Marília. **Indivisível: edição especial.** São Paulo, 2019.

MAZUR, Dan; DANNER, Alexander. **Quadrinhos: História Moderna de uma Arte Global.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

MONSMA, Karl. Racialização, racismo e mudança: um ensaio teórico, com exemplos da pós-abolição paulista. **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História**. Natal: ANPUH, 2013

MUNANGA, Kabengele. Arte afro-brasileira: o que é afinal? In. **Paralaxe** v. 6, n. 1. 2019

NETO, Marcolino Gomes de Oliveira. Entre o grotesco e o risível: o lugar da mulher negra na história em quadrinhos no Brasil. In. **Revista Brasileira de Ciência Política.** Brasília, n. 16, p. 65-85, abr. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522015000200065&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 set. 2020.

OLIVEIRA, Alecsandra Matias de. A Onda Negra: arte visual afro-brasileira, legitimação e circulação. **Jornal da USP**, 2016. Disponível em < www.jornal.usp.br/artigos/a-onda-negra-arte-visual-afro-brasileira-legitimacao-e-circulacao/. Acesso em: 28 ago. 2020.

OLIVEIRA, Alecsandra Matias de. Memória da Pele: O Devir da Arte Contemporânea Afro-Brasileira. **Arte e Cultura da América Latina**, São Paulo, v. 25, p. 35-42, 2012.

SANTOS, Renata Aparecida Felinto dos. **A Construção da Identidade Afrodescendente por meio das Artes Visuais Contemporâneas: Estudos de Produções e de Poéticas.** Tese de Doutorado. UNESP, 2016.

SANTOS, Roberto Elísio dos; CORRÊA, Victor; TOMÉ, Marcel Luiz. As Webcomics Brasileiras. In **Os Quadrinhos na era digital – HQTrônicas, webcomics e cultura**

participativa, org Lúcio Luiz. Nova Iguaçu: Marsupial, 2013.

SATO, Cristiane A. **Japop – o poder da cultura japonesa**. São Paulo: MSP-Hakkosha, 2007

SCHMITZ, Diego; PACHECO, Paula Lima; C.A, Rosemar Lemos. Maurício Pestana – o cartum na luta por uma sociedade mais justa. **Seminário de História da arte**, São Paulo, n. 4, 2014. Disponível em <www.periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/download/5336/4037>. Acesso em: 17 ago. 2020.

SNO, Márcio. **O Universo Paralelo dos Zines.** São Paulo: TimoZine, 2015.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983

VERGUEIRO, Waldomiro. A atualidade das histórias em quadrinhos no Brasil: a busca de um novo público. **História, imagem e narrativas**, *[S. l.]*, n. 5, 2007.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Panorama das Histórias em Quadrinhos no Brasil.** São Paulo: Peirópolis, 2017.

VERONEZI, Márcia. **Quadrinhos na Internet - Abordagens e Perspectivas.** Porto Alegre: Asterisco, 2010